

É só no Evangelho de João que Jesus perdoa a mulher adúltera [...]. E é no Evangelho de João que acontece uma coisa extraordinária: Jesus senta-se a falar com uma mulher (já de si algo de incrível, atendendo ao mundo judaico em que ele vivia); que é samaritana (portanto membro da «raça rafeira e apóstata» odiada pelos judeus); e cinco vezes divorciada.



Jesus e a Samaritana, por Angelika Kauffmann

Jesus e a «apóstola» divorciada

Como sabem as pessoas que leem atentamente os quatro Evangelhos, as afirmações de Jesus sobre o divórcio não são exactamente coincidentes nos quatro textos fundacionais do cristianismo. Nos Evangelhos de Marcos e de Lucas, Jesus condena, sem contemporizações, o divórcio. No Evangelho de Mateus, admite-o em caso de «porneia» (à letra «prostituição», pelo que se entende, à luz da mentalidade judaica do século I, a infidelidade da mulher ao marido). No Evangelho de João, não condena de todo o divórcio, porque é um tema que nunca lhe aflora na boca nesse mais extraordinário e divino de todos os textos do Novo Testamento.

É só no Evangelho de João que Jesus perdoa a mulher adúltera (com todas as dúvidas que esse episódio levanta no que toca à sua história textual, mas sobre isso remeto para as notas respectivas no Volume I da minha tradução). E é no Evangelho de João que acontece uma coisa extraordinária: Jesus senta-se a falar com uma mulher (já de si algo de incrível, atendendo ao mundo judaico em que ele vivia); que é samaritana (portanto membro da «raça rafeira e apóstata» odiada pelos judeus); e cinco vezes divorciada.

Jesus pede de beber a essa mulher, a essa samaritana inúmeras vezes impura. E diz à mesma mulher que, se ela lhe tivesse pedido a água gorgolejante da vida eterna, ele lha teria dado.

Depois diz-lhe: «Vai, chama o teu marido e volta cá», na plena consciência de que o «marido» da mulher é um homem com quem ela nem sequer é casada: é já o sexto homem da vida dela. Mas Jesus chama-o; Jesus aceita-o; e depreendemos pelo texto que Jesus estaria disposto a dar, também a ele, a mesma água da vida eterna.

A mulher samaritana, deslumbrada com Jesus, vai anunciá-lo aos samaritanos; e por isso, o grande especialista do Novo Testamento da Universidade de Yale, Paul N. Anderson, chama a esta figura a «apóstola» dos samaritanos («The Riddles of the Fourth Gospel», 2011, p. 16).

Na igreja católica, pessoas divorciadas e recasadas não podem receber a Eucaristia, a não ser que abduquem de viver como marido e mulher. No entanto, à mulher cinco vezes divorciada e a viver com um sexto homem com quem não era casada, Jesus ofereceu a água da vida eterna. E mandou-a ir buscar o homem com quem ela não era casada, a quem (graças ao jogo de palavras no texto grego) Jesus teve a elegância, a compreensão e o amor de chamar marido dela.

FREDERICO LOURENÇO. Professor universitário. Prémio Pessoa 2016

https://www.facebook.com/profile.php?id=100007197946343&hc_ref=ARS5q_3Uy8eUUrJolX4NqwdFcAiGA5rQMNZpXfCzH1uU3fyxhWSgPYsKsaBLYN-0rj0&fref=nf&pnref=story (11/02/2018)



Igreja: Trabalhadores Cristãos denunciam exploração e violência contra mulheres

Movimento mundial destaca papel da mulher como «anunciadora de dignidade e liberdade»

Lisboa, 01 mar 2018 (*Ecclesia*) – A LIGA OPERÁRIA CATÓLICA/MOVIMENTO DOS TRABALHADORES CRISTÃOS (LOC/MTC) em Portugal associou-se à celebração do Dia Internacional da Mulher, denunciando a exploração, falta de dignidade e liberdade a que são sujeitas.

“Em muitos cantos do mundo, ainda hoje, há mulheres que são exploradas, excluídas, violentadas, vítimas de tráfico, de exploração sexual, de trabalho escravo e mortas”, denuncia o Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos (MMTC).

Na declaração enviada à Agência Ecclesia, o MMTC acredita que é possível outro modo de viver onde **“homens e mulheres vivam com dignidade e convivam em harmonia”**.

“As famílias são projetos coletivos, onde se aprende a partilhar tarefas, assumir responsabilidades e a respeitar as diferenças, porque nas famílias terá de haver lugar para a comunhão e a entreeajuda”, realça.

A LOC/MTC Portugal também se associa às celebrações e partilha a declaração, que destaca o valor da mulher e convida a **“fazer memória também do valor e do reconhecimento”** que Jesus Cristo lhes deu no seu tempo, quando se aproximou, reprovou as atitudes de quem abusava delas e **“fê-las precursoras do anúncio da Boa Nova da sua Ressurreição”**.

O documento intitulado ‘Mulher: anunciadora de dignidade e liberdade’ alerta para a violência doméstica que continua **“a destruir, diariamente, a vida de muitas mulheres”** e é um **“drama comum a todas as comunidades e culturas”**.

“São ainda demasiadas as mulheres que vivem sujeitas a agressões físicas e psicológicas ou que são assassinadas pelos maridos, companheiros ou namorados”, lê-se na declaração enviada por [LOC/MTC Portugal](#).

Celebrar o próximo DIA INTERNACIONAL DA MULHER, a 8 de março, é lembrar o caminho histórico **“na emancipação, na assunção do poder e na igualdade de género”** e sobretudo **“no acesso aos direitos cívicos, às oportunidades profissionais”**, acrescenta o movimento católico.

Neste contexto, os trabalhadores cristãos lembram com **“carinho e gratidão”** todas as mulheres que assumiram esta causa e luta.

Entre as mulheres é maior a taxa de **“baixos salários, desemprego e pobreza”** e são também **“mais afetadas”** com o assédio moral e sexual nas empresas.

O [Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos](#) realça que ao longo da história, as mulheres têm mostrado **“imprescindíveis qualidades e competências”** na vida profissional, política, social e associativa, acumulando as tarefas cívicas e **“as responsabilidades familiares com alegria, determinação, confiança, e sensibilidade feminina”**.

CB/OC

NAS PARÁBOLAS DE JESUS SURGEM MUITAS MULHERES, sobretudo, pobres, como a da dracma perdida (Lc 15,8-10), a viúva que depositou uns trocos no cofre do templo, pois era tudo quanto tinha (Mc 12,41-44), a outra viúva, corajosa, que enfrentou o juiz (Lc 18,1-8). Nunca são apresentadas de forma discriminatória, mas com toda a sua dignidade, ao mesmo nível dos homens. A crítica que Jesus faz à prática social do divórcio pelos motivos mais fúteis, e a defesa do laço indissolúvel do amor (Mc 10,1-10), tem um sentido ético de salvaguarda da dignidade da mulher.



as mulheres na vida de Jesus e a companheira Miriam de Magdala

JESUS É JUDEU E NÃO CRISTÃO, mas rompeu com o antifeminismo da sua tradição religiosa. Considerando o seu modo de atuar e as suas palavras, apercebemo-nos de que se mostrava sensível a tudo o que pertencia à esfera do feminino, em contraposição com os valores do masculino cultural, centrado na submissão da mulher. Nele se encontram, com um frescor originário, sensibilidade, capacidade de amar e perdoar, ternura para com as crianças, para com os pobres e compaixão para com os sofredores deste mundo, abertura indiscriminada a todos, especialmente a Deus, chamando-lhe Paizinho querido (Abba). Vive rodeado de discípulos, homens e mulheres. Estas seguem-no desde o início da sua peregrinação de pregador (Lc 8,1-3; 23,49;24,6-10; cfr. E. Schlüsser-Fiorenza, *Discipulado de iguais*, Vozes 1995).

Em consequência da utopia por ele pregada – o Reino de Deus –, que é uma libertação de todo o tipo de opressão, dá-se a quebra de vários tabus que impendiam sobre as mulheres. Mantém uma profunda amizade com Marta e Maria (Lc 10,38). Contra o ethos do tempo, conversa publicamente e a sós com uma hereje samaritana, perante a perplexidade dos discípulos (Jo 7,53-8,10). Deixa que uma conhecida prostituta, Madalena, lhe toque e unja os pés (Lc 7,36-50). Várias são as mulheres que foram beneficiadas com o seu cuidado, como, por exemplo, a sogra de Pedro (Lc 4,38-39), a mãe do jovem de Naim, ressuscitado por Jesus (Lc 7,11-17), e, igualmente, a filhinha morta de Jairo, oficial romano (Mc 5,22-43), a mulher que sofria da coluna (Lc 13,10-17), a pagã siro-fenícia, cuja filha, psiquicamente doente, foi libertada (Mc 7,26), e a mulher que sofria, há doze anos, de um fluxo de sangue (Mt 9,20-22). Todas elas foram curadas.

Nas suas parábolas surgem muitas mulheres, sobretudo, pobres, como a da dracma perdida (Lc 15,8-10), a viúva que depositou uns trocos no cofre do templo, pois era tudo quanto tinha (Mc 12,41-44), a outra viúva, corajosa, que enfrentou o juiz (Lc 18,1-8). Nunca são apresentadas de forma discriminatória, mas com toda a sua dignidade, ao mesmo nível dos homens. A crítica que Jesus faz à prática social do divórcio pelos motivos mais fúteis, e a defesa do laço indissolúvel do amor (Mc 10,1-10), tem um sentido ético de salvaguarda da dignidade da mulher.

Se admiramos a sensibilidade feminina de Jesus (a dimensão da *anima*), o seu profundo sentido espiritual da vida, a ponto de contemplar a sua ação providente em cada pormenor da vida, como nos lírios do campo, então devemos, também, supor que ele aprofundou esta dimensão a partir do seu contato com as mulheres com quem conviveu. Jesus também aprendeu, não se limitou a ensinar. As mulheres, com a sua *anima*, completaram o seu masculino, a dimensão do *animus*.

Resumindo, a mensagem e a prática de Jesus significam uma rutura com a situação dominante, e a introdução de um novo tipo de relação, fundado não na ordem patriarcal da subordinação, mas no amor, como mútua doação que inclui a igualdade entre o homem e a mulher. As mulheres surgem-nos como pessoa, filhas de Deus, destinatárias do sonho de Jesus, e convidadas a ser, também, juntamente com os homens, discípulas e membros de um novo tipo de humanidade.

Um dado da pesquisa recente vem confirmar esta constatação. Dois textos,

denominados evangelhos apócrifos, o Evangelho de Maria (edição da Vozes, 1998) e o Evangelho de Filipe (Vozes, 2006)) mostram-nos uma relação extremamente afetiva de Jesus. Como homem, ele viveu profundamente esta dimensão.

Aí se diz que ele mantinha uma relação especial com Miriam de Magdala, que era tratada por “companheira” (koinónos). No evangelho de Maria, Pedro confessa: “Irmã, nós sabemos que o Mestre te amou duma forma diferente das outras mulheres”(op. cit. p. 111), e Levi reconhece que “o Mestre a amou mais que a nós”. Ela é apresentada como a sua principal interlocutora, alguém a quem transmite ensinamentos que são ocultados aos discípulos. Das quarenta e seis perguntas que os discípulos colocam a Jesus, após a ressurreição, trinta e nove são formuladas por Miriam de Magdala (cf. Tradução e comentário de J.Y. Leloup, Vozes, 2006, pp.25-46).

O Evangelho de Filipe diz ainda: “Havia três que acompanhavam sempre o Mestre, Maria sua mãe, e Miriam de Magdala que é conhecida como sua companheira, porque Miriam é para Ele uma irmã, uma mãe e uma esposa (koinónos: Evangelho de Filipe, Vozes, 2006, p.71). Mais adiante particulariza, afirmando: “O Senhor amava Maria mais que todos os restantes discípulos e beijava-a, com frequência, na boca. Os discípulos, ao verem que a amava, perguntaram-lhe: por que a amas mais do que a todos nós? O Redentor respondeu-lhes dizendo: o quê? Então eu não devo amá-la tanto como a vocês” (Evangelho de Filipe, op. cit. p. 89)?

Embora estas passagens possam ser interpretadas no sentido espiritual dos gnósticos, pois é essa a sua matriz, não devemos, afirmam reconhecidos exegetas (cf. A. Piñero, *El otro Jesús: la vida de Jesús en los apócrifos*, Córdoba, 1993, p.113), excluir um fundo histórico verdadeiro, a saber, uma relação concreta e carnal de Jesus com Miriam de Magdala, base para um sentido espiritual. Por que não? Há algo mais sagrado que o amor efetivo entre um homem (o Filho do Homem, Jesus) e uma mulher?

Uma antiga proposição da teologia afirma que “tudo o que não é assumido por Jesus Cristo não é redimido”. Se a sexualidade não tivesse sido assumida por Jesus, não teria sido redimida. A dimensão sexuada de Jesus, nada retira à sua dimensão divina. Pelo contrário, torna-a concreta e histórica. É o seu lado profundamente humano.

LEONARDO BOFF escreveu *O Rosto materno de Deus*, Vozes, 2005.

<https://leonardoboff.wordpress.com/2018/02/23/as-mulheres-na-vida-de-jesus-e-a-companheira-miriam-de-magdala/#comments> (23/02/2018)

"As monjas são tratadas como criadas", denuncia o suplemento de *L'Osservatore Romano*



"Algumas são criadas dos homens da igreja, levantam-se de manhã cedo para preparar o pequeno-almoço, e só se deitam depois de servir o jantar, de limpar a casa e de lavar e engomar a roupa"

"Dentro da Igreja as mulheres são exploradas"

Trabalham como religiosas, cozinheiras, limpam e servem à mesa a cardeais e sacerdotes.

"**Dentro da Igreja, as mulheres são exploradas**", denuncia 'Mulheres Igreja Mundo', um suplemento mensal do diário vaticano, *L'Osservatore Romano* que, na sua edição de março, publicou um artigo em que denuncia "a **exploração generalizada das freiras** na Igreja Católica, com trabalhos por pagar, ou ordenados muito baixos", exigindo que a hierarquia eclesiástica deixe de as tratar como simples criadas de servir.

O jornal afirma que muitas religiosas trabalham como cozinheiras, limpam e servem à mesa a cardeais, bispos e sacerdotes.

"Algumas servem nas casas de bispos e cardeais, outras trabalham nas cozinhas das instituições da igreja ou dão aulas. Outras são criadas dos homens da igreja, levantam-se de manhã cedo para preparar o pequeno-almoço, e só se deitam depois de servir o jantar, de limpar a casa e de lavar e engomar a roupa", sublinha o artigo, citando a 'irmã Maria' que nos descreve como as religiosas servem o clero, mas "**raras vezes são convidadas a sentar-se às mesas que servem**".

"Até hoje, ninguém teve coragem de denunciar estas coisas", refere Scaraffia. "Tentamos dar voz a quem não tem coragem de falar disto" em público. E afirma: "Dentro da Igreja as mulheres são exploradas".

Em muitos casos, as freiras que fazem votos de pobreza, **não recebem nenhuns proventos** por pertencerem a ordens religiosas femininas, e são enviadas para as residências de homens funcionários da Igreja, para o exercício de tarefas que são consideradas como fazendo parte das suas atribuições.

No passado, a maioria das freiras que trabalhavam como empregadas domésticas, em residências dirigidas por homens ou em instituições do tipo dos seminários, eram cidadãs locais. Ultimamente, porém, **muitas são oriundas da África, da Ásia e de países em vias de desenvolvimento**.

Outra religiosa, ainda, disse **conhecer irmãs doutoradas em áreas como a teologia** que, sem qualquer explicação, tinham recebido ordens para ir exercer tarefas domésticas ou outros trabalhos que "nada tinham a ver com a sua formação intelectual".

A experiência destas freiras, diz o artigo, poderia transformar-se "numa maior riqueza para toda a Igreja, se a hierarquia masculina a encarasse como uma ocasião para uma verdadeira reflexão sobre o poder (na instituição)".

(*J. Bastante/Agencias*).

<http://www.periodistadigital.com/religion/vida-religiosa/2018/03/01/dentro-de-la-iglesia-las-mujeres-son-explotadas-religion-iglesia-osservatore-romano-vaticano-cardenales-obispos-mojas.shtml>

os novos matadouros



«São os interesses do dinheiro que fazem do mundo actual uma distribuição de matadouros», constata hoje [4/3/18] Frei Bento Domingues no Público. Dois mil anos após a morte de Jesus, «o 'diabo' continua por cá», e «parece cheio de oportunidade e de acólitos».

Para os impérios que agem em nome da cobiça, «o dinheiro não é para os seres humanos, estes existem apenas e só para eles terem cada vez mais poder de decisão de tudo e de todos». Assim é. Essa cobiça chama-se ultraliberalismo e gera horror, miséria, esgotamento de recursos: vende armas, envenena a natureza, requinta-se na destruição, esmaga direitos sociais, destrói patrimónios e culturas, espezinha a dignidade dos fracos, semeia guerras indiferente ao sofrimento atroz que provoca... A pintura do Museu de Belas Artes de Lausanne que representa os Massacres da Noite de St Barthelemy em Paris (1572), da autoria de François Dubois, mostra o áspide da intolerância entre católicos e huguenotes, em actos aliás multiplicados nesse sangrento século XVI e envolvendo contendores que disputavam a primazia do proselitismo. Mudam-se os tempos, mas não muda o coração empedernido dos senhores do lucro...Leia-se por isso esta crónica de hoje de Frei Bento Domingues, «A hipocrisia e as confusões da Quaresma». Diz ele que as palavras de Jesus após o episódio dos vendilhões (Ev., Jo 2,13-25) -- pois «Ele bem sabia o que há no homem» -- deviam fazer-nos pensar, e acautelar. Eu, que sou agnóstico, penso nelas assombrado pelas páginas de horror absoluto deste tempo que me foi dado viver: há mesmo maldade no coração dos homens ! As guerras, essas, continuam a ter o mesmo responsável de sempre: os grandes interesses da cobiça e as suas ideologias depredadoras. Era precisa (isto digo eu, um pobre pecador, e não Frei Bento, que é santo) uma nova ordem mundial, gerada no mundo dos que trabalham e produzem, para pôr cobro aos «interesses da morte» e aos senhores dos matadouros.

VÍTOR SERRÃO. Professor Catedrático na Universidade de Lisboa